

QUESTÃO DE CONVIVÊNCIA: UMA LEITURA DE *AS MENINAS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

**Anna Giovanna Rocha Bezerra
(IFPB/ PPGLI)**

Publicado em 1973, o romance *As Meninas* inscreve, em definitivo, o nome de Lygia Fagundes Telles na cena literária brasileira. A história de Lia de Melo Schultz, Lorena Vaz Leme e Ana Clara Conceição tem como pano de fundo a juventude brasileira dos anos 70 em plena época da ditadura militar. Contudo, a autora não se utiliza da literatura apenas para denunciar um sistema opressor vigente, mas, antes, para apresentar ao público leitor algumas visões e interpretações, feitas por jovens, de um conturbado período histórico brasileiro.

Dividindo o mesmo ambiente, um pensionato religioso no qual habitam, as três amigas, no decorrer da trama, vão interferindo na existência umas das outras de maneira que a história é atravessada por um fio condutor que confere às meninas uma espécie de personalidade única, ao mesmo tempo que fragmentada.

Dividido em doze capítulos cujos títulos seguem uma sequência numérica, (um, dois, três...) o romance não segue um enredo fixo, ou contínuo. A ação se processa a medida que as personagens estabelecem interações entre si. De acordo com Paulo Emilio Salles Gomes,

O que reúne *As meninas* – denominação dada por Lygia Fagundes Telles a três moças de mentalidade definida e arrojada – é um daqueles antigos pensionatos religiosos, destinados a protegê-las contra os riscos da cidade. Contudo, as personagens que fazem parte do círculo de Lorena, Ana Clara e Lia são tão frágeis quanto elas próprias. Porque o tal pensionato não é mais um casulo intocável – exposto como se encontra, como toda a sociedade do nosso tempo, às diferentes formas da fraternidade ou do medo: política, sexo, drogas. Porque o que une essas três jovens brasileiras não é a amizade mas a circunstância de serem filhas do mesmo lugar no mesmo tempo. (GOMES, 1998)

O pensionato, espaço simbólico da convivência entre jovens durante o período apresentado na narrativa, ao contrário do que costuma se fixar através da literatura como sendo um ambiente de castrações e imposição de vontades dos administradores, configura-se num espaço aberto, livre de regras e de imposições. As meninas transitam livremente pelo espaço e as freiras que o dirigem se apresentam de maneira atípica. Muitas vezes coniventes com alguns excessos cometidos pelas meninas.

Mas não estou chorando, tento dizer. Não me deu tempo, se levantou e me segurou pelos ombros, está me beijando a testa, os cabelos. Meu chambre se abre. Luto por fechá-lo, mas como? Seu braço já dá voltas em torno de mim enquanto sua língua engrossa na minha boca que contra a minha vontade por um momento (um século) se entrega. Salto para o lado e ele salta junto, puxo sua barba, seu cabelo, não Guga, não! Mordo a mão que se aplastou no meu seio. Ele me solta. Ficamos nos medindo, ofegantes. Atribuo minha vermelhidão à cólera mas bem da verdade não estou muito certa disso. Ele apanha a sacola.

- Guga querido, estou apaixonada por outro – digo amarrando o cinto. (TELLES, p. 2007)

No trecho acima, se evidencia a recusa de Lorena em relação ao rapaz apenas pelo fato de ela não querer “trair” seu namorado, ou melhor, o homem que ama, no caso MN. Toda a ação se passa dentro do quarto de Lorena, no pensionato. Em nenhum momento a moça recusa o rapaz com medo de que as freiras presenciem a cena entre os dois.

A narrativa também possui certas singularidades. Uma delas é a mistura de vozes que perpassa todo o texto. Há nitidamente três vozes narrativas – cada personagem central assume voz própria conotando também traços inequívocos de suas personalidades – e uma voz narrativa que guia por fora os acontecimentos. Dessa forma, o romance de Lygia ressalta as três protagonistas em relação ao pano de fundo social. Lorena, Lia e Ana Clara são vozes que constituem o corpo complexo que se desmembra uma vez que cada uma reflete a realidade à sua maneira, como num jogo de espelhos. Toda a trama narrativa é vista pelo ângulo das personagens, assim, a multiplicidade de vozes que perpassa o romance, bem como a autonomia de cada uma delas, faz com que a polifonia e o dialogismo sejam características presentes no todo do texto.

De acordo com Bakhtin, a polifonia “pressupõe uma multiplicidade de vozes plenas nos limites de uma obra (2005: 35), o que implica dizer que as personagens e suas vozes não se colocam a serviço de uma única ideologia ou pensamento dominante. Na narrativa polifônica, em contrapartida, “cada personagem funciona como ser autônomo, exprimindo sua própria mundividência, pouco importa coincida ela ou não com a ideologia própria do autor da obra; a polifonia ocorre quando *cada personagem fala com a sua própria voz*, expressando seu pensamento particular, de tal modo que existindo *n* personagens, existirão *n* posturas ideológicas.” (LOPES, 2003: 74)

Em artigo sobre o romance em estudo, Carolina Pizzolo Torquato ressalta a imbricação de vozes narrativas dentro do texto. Segundo ela, ao longo dos doze capítulos que compõem o

romance, nota-se frequentemente a transição da voz narrativa: às vezes entre duas narrações intradieéticas, às vezes entre uma narração extradiegética e uma narração intradieética (ou vice-versa). Essa troca de narrador pode ser observada (1) na passagem de um capítulo para outro, (2) de um segmento narrativo para outro, (3) entre dois parágrafos ou (4) dentro de um mesmo parágrafo. Ressalta-se, ainda, que a mudança de nem sempre se dá de forma clara, pois frequentemente ocorre de maneira bastante ambígua, quase sorradeira, surpreendendo o leitor:

Obedecer a Pátria como se obedece a Deus? Estranhou Lorena. Por que Lia grifara isso? Não acreditava em Deus, acreditava? E a Pátria para ela não era o povo? Abriu as torneiras da banheira e sentou-se na borda, a mão brincando com a água. Riu baixinho. Lembrava-se de Lia chegando com as duas malonas estourando de coisas. E O Capital debaixo do braço, metido num papel de pão que mais mostrava do que escondia. “A mãe é morena da Bahia casada com holandês”, pensou assim que a viu. Era baiana com alemão, Herr Paul, ex-nazista que virou seu Pô, um tranqüilo comerciante apaixonado por música e por dona Dionísia, para os íntimos, Diu, com aquele u comprido que não acabava mais, Diúúúúú’... Deu Lião. Loucura, imagine, um nazista de águia no peito, *entende*, vir parar em Salvador e lá então, *não sei explicar* mas se apaixonou pela moça Diú e a soma é Lia de Melo Schultz que faz seu nécessaire e vem terminar o curso no Pensionato Nossa Senhora de Fátima.” (TELLES, p. 58, 1998)

No trecho acima, percebe-se nitidamente a imbricação das vozes narrativas de Lia, de Lorena e do narrador. Logo no início, apesar de estarem em terceira pessoa, os questionamentos acerca da crença de Lia feitos por Lorena possuem marcas próprias dessa última, como o ato de banhar-se com frequência, associado a atos corriqueiros e pueris. Por sua vez, ao dar voz a Lia, a autora faz uso de sequências textuais que são usadas ao longo da narrativa para caracterizar cada uma das personagens. No caso de Lia, as expressões são “entende” e “não sei explicar”. Mediante a confluência de vozes no texto, Lygia Fagundes constrói a personalidade de cada uma das meninas utilizando para isso, acima das descrições físicas e psicológicas, a linguagem. Para ressaltar ainda mais as diferenças entre as meninas, não basta apenas indicar-lhes a origem ou a classe social; é pela linguagem, pelas marcas textuais pontuadas em todo o romance que a diferença se efetiva.

LORENA VAZ LEME

Das três personagens centrais do romance *As Meninas*, Lorena é a única que se circunscreve com mais centralidade dentro do pensionato. Suas ações se processam praticamente internas; quer no espaço físico, quer no psicológico.

Filha de uma tradicional família paulista, Lorena é estudante de Direito e muda-se para o pensionato em virtude do casamento de sua mãe:

"Com uma pequena reforma, sua menina poderá ficar muito bem aqui" — disse Irmã Priscila com um otimismo que contagiou Lorena, agarrada ao braço da mãe que por sua vez segurava firme no de Mieux. Voltou para ele a cara perplexa, nessa época o consultava até para saber se devia ou não tomar uma aspirina. "Dê sua opinião, querido. Não vou gastar demais? Isto está um horror", queixou-se repugnada com o perfume de jasmim misturado ao cheiro de urina. Mieux piscou para Lorena. Ficava eufórico quando podia mostrar seu prestígio: "Vai ficar a coisa mais jóia do mundo, já estou com umas idéias. Quero este banheiro todo cor-de-rosa, é importante que ela se sinta num ninho quando se despir para o banho — disse ele atirando a ponta de cigarro no vaso rachado Bateu a porta atrás de si e cheirou o lenço: — Este quarto imagino amarelo bem claro, tenho o papel de parede, a cama dourada ali naquele canto. A estante e a mesa naquela parede. Neste espaço, o armário embutido. Ali, a minigeladeira e o barzinho, hem. Loreninha?" Apanhou no chão uma carta de baralho, era uma dama-de-espadas. Colocou-a de pé na frincha da porta. E como mãezinha ia na frente e Irmã Priscila se ocupava em fechar a janela, ele aproveitou e passou a mão na minha bunda. (TELLES, p. 21)

Lorena representa a perfeição para Ana Clara e Lia. Através do seu dinheiro — ou orienid — ela possibilita os delírios de Ana Clara e financia a luta de Lia. Apaixonada platonicamente por um médico bem mais velho que ela e pai de cinco filhos, Lorena estabelece na trama quase que um papel principal. Se não principal, uma vez que as três meninas são fulcrais em todo o texto, pelo menos bastante significativo, uma vez que é através das ações protagonizadas, ou levadas a efeito por ela, que podemos caracterizar as atitudes de Lia bem como as de Ana Clara.

Lorena Vaz Leme é a personificação da delicadeza, que se manifesta não apenas no seu físico frágil, mas também através de sua postura: "Fico vermelha e queria ficar marrom, olha que cor. O Fabrizio disse que meu apelido na Faculdade é Magnólia Desmaiada, já pensou?" (Telles, p. 17). A relação que se estabelece entre Lorena, Ana e Lia não é propriamente amizade, mas uma convivência pautada pela necessidade das três. A necessidade de Ana e de Lia volta-se mais para o plano material, necessidade esta plenamente realizada por Lorena:

“Padrão afro. Tem mulher hino e mulher balada”, pensou Lorena tirando o pijama. Sentou-se na borda da banheira e percorreu com as pontas dos dedos a superfície da água. “Eu sou uma balada medieval” E Ana Clara? E Lia? Que gênero de música eram elas? A única forma de ajudá-las seria oferecer-lhes coisas que não conheciam. O espanto de Lia quando chegou de sandálias franciscanas, a sacola de juta dependurada no ombro, só mais tarde comprou a de couro na feira. “Genial, entende. Genial. (Telles, p. 59)

Ao suprir as necessidades materiais das amigas é como se Lorena de certa forma também suprisse as suas, embora não necessariamente materiais. Dinheiro para Lorena sempre parece estar em segundo plano, muito embora ela perceba ser essencial para o que considera como básico em sua vida. O mundo de Lorena é o mais subjetivo possível; ela habita uma esfera atemporal, preocupada tão somente com o seu amor platônico, com o seu amado M.N e essa alienação incomoda Lia, que é envolvida com a luta política do país.

Quando Ana Clara pega no copo, levanta o dedinho mínimo, finuras de motorista de caminhão em festa de casamento mas Lião agarra tudo com dedos e unhas, quer dizer, com as zonas onde deviam estar as unhas. Melhor mesmo roer todas, imagine se podia pensar sequer em cortá-las. Voltei aos cordões: mas por que só eles estão limpos? Ela parou de falar e ficou me olhando com ar de quem se perdeu no mato e deu uma enorme volta e de repente descobriu que estava de novo no mesmo lugar. Sentou-se no tapete e apanhou um cigarro. Rodou-o entre os dedos. “Meus amigos estão todos presos, eu mesma posso ser presa saindo daqui — começou com brandura. — Manuela está intentada como louca e Jaguaribe está morto. Então você se preocupa com o cordão da minha alpargata.”
— Dou importância ao que não tem importância — começo e paro. (TELLES, p. 117)

Para Lia, Lorena ou Lena como a chama em certos momentos, é o tipo da moça que só pensa em casar, em ter filhos, em constituir família, ou seja, uma típica moça burguesa sem consciência política.

Para Ana Clara, por sua vez, Lorena é a *nhem nhem*, ou seja a cheia de não-me-toques, a moça rica e feia, que tem tudo mas não sabe tirar proveito do que possui. Ana Clara deseja ter o berço e os bens materiais de Lorena. Dela se aproxima por puro interesse: para usar seus vestidos, seus perfumes, pedir dinheiro emprestado para uma plástica que irá assegurar-lhe o noivo. Nesse sentido, a figura de Lorena é como uma espécie de porto seguro tanto para Lia como para Ana Clara, uma vez que essas duas necessitam materialmente da amiga.

LIA DE MELO SCHULTZ

Lia de Melo Schultz, ou Lião, como é chamada por Ana Clara e por Lorena, é filha de mãe baiana com pai alemão, estuda Ciências Sociais e está totalmente engajada na luta política brasileira. Leitora de Marx, Lia participa ativamente de grupos estudantis e é através dessa personagem que Lygia Fagundes se apropria da literatura não apenas como objeto estético, mas também como veículo de denúncia social. O romance adquire grande repercussão por ser uma obra escrita por uma mulher, que em plena década de 70 traz à tona um tema tão polêmico, como a questão da ditadura. Contudo, no romance *As meninas* verifica-se a ideia sustentada por Antonio Candido, segundo a qual o romancista “está menos interessado no panorama social do que nos problemas humanos, como são vividos pelas pessoas, a personagem tenderá a avultar, complicar-se, destacando-se com a sua singularidade sobre o pano de fundo social.”

Sendo assim, podemos perceber que o envolvimento da personagem Lia com a luta social merece destaque não somente pelo caráter de denúncia revelado, mas, sobretudo, pelo que essa tensão revela acerca das relações estabelecidas pela personagem. Lião, diferentemente de Lorena e Ana Clara, não possui nenhum tipo de vaidade, não se preocupa com questões sentimentais nem dá importância aos objetos materiais. Sua única preocupação é ir embora do Brasil e viver ao lado do namorado Miguel.

- Falei ontem com meu pai, ele mesmo atendeu o telefone, minha mãe tinha saído. Ele é fabuloso, entende. Pai, não me faça perguntas, explico tudo depois mas agora quero avisar que vou para o exterior. Ele não disse nada. Perguntei, está ouvindo, pai? E ele respondeu, Estou, pode continuar. Vou precisar de dinheiro pra passagem de avião, continuei. E a passagem é cara, você sabe. Pode me dar o dinheiro? Ele ficou um instante calado. Tão calado, entende. (...) Daí ele disse, conte com a gente, filha. (TELLES, p. 212)

O individualismo de Lia assemelha-se, em certa medida, ao de Ana Clara e de Lorena: as três personagens o tempo inteiro se entrecrocaram e, considerando-se únicas e verdadeiras, com a sua razão se sobrepondo às demais, acabam por igualar-se no que diz respeito à identidade. A convivência das três meninas, cada uma interferindo na personalidade uma da outra corrobora a ideia de Stuart Hall quando este afirma que as identidades estão em constante mudança e transformação.

ANA CLARA CONCEIÇÃO

A mais bela das três meninas, Ana Clara é estudante de psicologia e, diferentemente de Lorena e Lia, vem de uma estrutura familiar completamente desequilibrada. Filha de pai desconhecido, ainda na infância precisa se submeter a caprichos, inclusive sexuais, dos homens que já abusavam de sua mãe.

Ana Turva, como a denominam Lia e Lorena, sonha com uma vida de luxo, viagens e muito dinheiro, tudo isso graças a um casamento com um velho rico a quem ela chama de escamoso. Sozinha no mundo, viciada em drogas, Ana Clara é a preferida de Madre Alix, a diretora do pensionato que revela intensa afeição também pelas outras duas meninas:

- Não, Lia. Vocês são frágeis, filha. Você, Lorena. Quase tão frágeis quanto Ana Clara. Haja o que houver, não deixe de me dar notícias. Conte comigo.

- Vou lhe mandar meu diário, Madre Alix. Ao invés de cartas, um diário de viagem!

Ela me acompanha até a porta.

- Posso lhe dar uma epígrafe? É do Gênesis, aceita? – pergunta e sorri. Sai da tua terra e da tua parentela e da casa de teu pai e vem para a terra que eu te mostrarei. É o que você está fazendo – acrescentou. Hesitou um pouco: - É o que eu fiz. (TELLES, p. 148)

É através da fala da personagem Ana Clara que a autora intensifica ainda mais o tom intimista da linguagem do romance. Apesar de em toda a obra o fluxo de consciência ser incontestavelmente presente, é com Ana Clara, em suas alterações de foco narrativo e alternância de estado de lucidez, advindo do consumo de drogas, que percebe-se um apuro do tom confidencial.

Os diabinhos ainda voam por aqui e brincam comigo e eu dou beliscões em Max que nem sente nem sente. É festa? Esqueça esqueça. Levanto a cabeça e entro na estratosfera podre de azul grito azul e deslizo azul até o chão rastro veludo-e-ventre a gente devia andar só assim liquefeita e azul colada ao chão escorrendo os braços de rio sem nenhum perigo de cair nem nada. (TELLES, p. 84)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autora além de caracterizar as suas personagens centrais conferindo-lhes personalidades peculiares, também lhes atribui modos de falar específicos que forjam toda uma especificidade lingüística que se adéqua com propriedade às suas personalidades.

Quando a narrativa do romance é atravessada por Lorena, a linguagem torna-se sutil e delicada, permeada de expressões, como “Ai meu pai”, revelando características próprias a Lorena, como a fragilidade e angústia pessoal consigo e com as demais amigas.

Por sua vez, a dureza e seriedade de Lia de Melo Schultz se deixa entrever através de expressões como “não sei explicar”, é, entre outras.

Em relação a Ana Clara, muitas vezes a autora mescla os devaneios da personagem à realidade e os traduz através da linguagem, dando ao leitor a dimensão real do intimismo que permeia toda a narrativa.

Pode-se perceber a forte marca da literatura intimista que se presentifica em todo o texto de Lygia Fagundes, contudo, a denúncia social de um conturbado período político brasileiro ganha contornos definidos e chama a atenção por vários motivos, dentre eles, o fato de ser uma narrativa produzida por uma mulher num período em que, para as mulheres, era bem mais típico – e aceitável – ler, apenas, e de preferência, sem manifestar opinião crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikail Mikhailoviçh. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 5ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TORQUATO, Carolina Pizzolo. **Aspectos da Polifonia no romance As Meninas de Lygia Fagundes Telles e sua tradução para o italiano**. In: http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol11/11_2.pdf

LOPES, Edward. 2003. “Discurso literário e dialogismo em Bakhtin *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*”. São Paulo: Edusp.